

As representações de gênero na docência: uma análise das provas de matemática do SAEB

Eloá Evangeline dos Santos¹

Patrícia Ignácio²

Resumo

Neste estudo objetiva-se analisar as representações de gênero nas provas de matemática do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) dos anos de 1997 e 2009, com foco nas representações de gênero associadas à docência. A pesquisa fundamenta-se nos Estudos Culturais e nos Gênero, com referência a autores como Butler (2003), Camozzato (2014), Costa, Silveira e Sommer (2003), Louro (2003 e 2020) e Silva (1999 e 2010), Scott (1995), entre outros. Por meio de uma pesquisa qualitativa e de procedimento documental, identificamos a frequência e o contexto em que os termos "professor" e "professora" aparecem, além das associações com cargos de liderança. Os resultados sugerem a predominância de uma representação feminina da docência nos materiais avaliativos, reforçando estereótipos de gênero que associam o magistério à figura feminina e a liderança à figura masculina, o que evidencia a persistência de hierarquias de gênero na Educação Básica.

Palavras-Chave: Gênero; Docência; Estudos Culturais; Currículo; SAEB.

1. Introdução

As questões de gênero têm sido foco de inúmeras pesquisas, incluindo às que se filiam ao campo dos Estudos Culturais em Educação. Judith Butler (2003), por exemplo, propõe que o gênero é uma construção social e cultural, performada e repetida, e não uma característica essencial ligada ao sexo biológico. Em vez de ser uma expressão natural, ele é produzido em meio a normas culturais que determinam o "masculino" e o "feminino". Essas discussões dialogam diretamente com os Estudos Culturais, que investigam como práticas sociais e culturais, como o currículo, refletem e reproduzem significados, normas e relações de poder (Costa, Silveira e Sommer, 2003).

Tanto os estudos sobre gênero quanto sobre o currículo nos permitem compreender como as práticas educacionais, incluindo a avaliação, podem produzir, refletir e reforçar normas sociais e culturais. Nesse sentido, a observação das expressões de gênero nas provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) auxilia a compreensão de como essa questão se manifesta em materiais pedagógicos.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN; Natal; Rio Grande do Norte; Brasil; eloa.santos.704@ufrn.edu.br

² Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN; Natal; Rio Grande do Norte; Brasil; patricia.ignacio@ufrn.edu.br

O SAEB, mais conhecido como "Prova Brasil", é conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Foi implementado em 1990 e, inicialmente, tinha um propósito amostral. Desde 2005, seu principal objetivo é avaliar a qualidade da educação básica, abrangendo as seguintes etapas: educação infantil, ensino fundamental (2º, 5º e 9º anos) e ensino médio (3º e 4º anos). Os resultados obtidos por meio dessa avaliação possibilitam ao Inep a geração de indicadores que são utilizados pelo governo na compreensão do panorama educacional brasileiro, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). A partir desses indicadores, são formuladas políticas públicas voltadas para a melhoria da educação no país.

Além disso, a avaliação também inclui questionários aplicados a alunos, professores, diretores e gestores municipais de educação. Eles têm o intuito de investigar questões que permeiam o ambiente escolar e os aspectos socioeconômicos que podem influenciar o desempenho dos estudantes. Além da avaliação de Matemática e Língua Portuguesa, o SAEB engloba testes em outras áreas do conhecimento de forma amostral, como ciências naturais e ciências humanas. As aplicações ocorrem a cada dois anos, sendo a última em 2023. Dada a relevância dessa avaliação no sistema de ensino da Educação Básica de nosso país, optou-se por acioná-lo como material empírico deste estudo.

No Brasil, essa prova atua como uma ferramenta que busca mensurar a qualidade educacional brasileira³. Contudo, seus materiais também refletem aspectos culturais, históricos e sociais. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar as representações de gênero nas provas de matemática do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) dos anos de 1997 e 2009, com foco nas representações de gênero associadas à docência. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, filiada aos Estudos Culturais e aos Estudos de Gênero, com o objetivo de analisar questões presentes nas provas selecionadas. Em tais questões, busca-se identificar a frequência e o contexto em que os termos "professor" e "professora" são mencionados, além de suas associações com cargos de liderança e gestão.

2. Gênero e Trabalho: A feminização da docência

³ Há um amplo debate em torno das questões relacionadas ao SAEB. Contudo, este não será o foco de discussão do artigo.

Inicialmente, desde os jesuítas, a instituição escolar se mostrava masculina e religiosa (Louro, 2003). No entanto, no final do século XIX, nos anos finais do período imperial, as escolas normais – instituições criadas para a formação de professores – passaram a admitir mulheres em seus cursos (Ribeiro, 2015). Simultaneamente, diversos países, incluindo o Brasil, iniciaram a ampliação do acesso à educação pública primária, como parte de projetos de modernização e democratização. Conforme Vianna (2002), a docência feminina se consolidou nesse contexto, sob a responsabilidade do Estado, estando diretamente relacionada à expansão do ensino público primário.

Além disso, Pereira (1967) e Louro (2020) discutem que a docência foi atribuída às mulheres por ser considerada uma vocação natural, associada ao conceito de "sacerdócio", já que o "instinto maternal" era visto como uma característica estereotipada de um "bom professor". Nesse mesmo sentido, Souza (2004) e Louro (2020) também ressaltam que virtudes tradicionalmente atribuídas às mulheres, como doçura, paciência e bondade, passaram a ser consideradas qualidades indispensáveis para o exercício da profissão docente. Nesse contexto, o conceito de gênero, segundo Joan Scott (1995), oferece uma base teórica para compreender como identidades e papéis sociais são construídos culturalmente. Embora Scott não discuta diretamente a docência, seu entendimento de que o gênero é estruturado por normas, símbolos e relações de poder permite analisar como essa profissão foi historicamente associada às mulheres. Essa associação reforça uma hierarquia em que o papel feminino é vinculado ao cuidado e à educação das crianças, atendendo a expectativas tradicionais de comportamento feminino.

A esse respeito, Ribeiro (2015) destaca que a presença feminina na docência não é fruto do acaso, mas é resultado de fatores históricos e culturais que consolidaram a ideia de que o magistério seria uma ocupação "natural" para mulheres. Um dos fatores significativos foi que, no século XIX, houve uma intensa luta das mulheres para obter acesso não apenas à educação, mas também a empregos remunerados. Concomitante com esse pensamento, Louro (2020) destaca que o trabalho, embora essencial para a sobrevivência, era visto como uma potencial ameaça à identidade feminina, pois poderia afastar as mulheres de suas responsabilidades familiares, dos afazeres domésticos, da alegria da maternidade e da pureza associada ao lar. Outrossim, a autora ainda acrescenta que acreditava-se que o magistério era adequado para as mulheres por ser uma ocupação de "um só turno", permitindo que cumprissem suas obrigações domésticas no restante do dia.

Nesse contexto, Ribeiro (2015) aponta três fatores interligados que influenciaram essa dinâmica da feminização da docência: a baixa atração dos homens pelas Escolas Normais devido aos salários insatisfatórios; as pressões das mulheres por mais direitos; e a visão de que o papel histórico das mulheres como educadoras no lar deveria se estender ao magistério, perpetuando a estrutura patriarcal. Esses aspectos históricos e sociais da feminização da docência ressaltam como as relações de gênero influenciam não apenas a profissão docente, mas também as práticas educacionais, o currículo e as construções culturais associadas ao ensino, temas que são explorados neste artigo à luz dos Estudos Culturais.

3. Estudos Culturais, currículo e gênero

No Brasil, as discussões sobre os Estudos Culturais começaram a ganhar força nos anos 1990, influenciadas, principalmente, pelas vertentes pós-estruturalistas. A entrada dos Estudos Culturais no campo educacional foi especialmente marcante, com eventos como o Seminário "O Currículo nos Limiar do Contemporâneo" em 1996, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sendo um dos primeiros a articular Estudos Culturais com o currículo, abordando temas como política cultural, diferenças de gênero e raça, e identidade, o que abriu caminho para a incorporação de análises culturais e críticas sobre a educação e o currículo no Brasil (Costa; Wortmann; Bonin, 2016).

Pensando no currículo, Costa, Wortmann e Bonin (2016), nos possibilitam pensar no quanto os Estudos Culturais trazem uma nova visão sobre currículo, questionando a concepção tradicional, que o entende apenas como o conjunto de conteúdos e atividades escolares, ampliando, então, sua definição para incluir práticas culturais e saberes que permeiam a vida cotidiana, como as mídias, a publicidade e outras produções culturais, que ensinam modos de ser e viver. Além disso, os Estudos Culturais também contribuem para que o currículo seja visto como um espaço de construção de identidades, onde se discutem marcadores sociais, como etnia, sexualidade, classe e gênero.

Ao analisar o conceito de currículo por meio dos Estudos Culturais, percebe-se que o conhecimento e o currículo podem ser compreendidos como “campos culturais, como campos sujeitos à disputa e a interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia” (Silva, 1999, p. 135). Em consonância com essa perspectiva, Costa, Silveira e Sommer (2003) discutem que o currículo, por ser uma construção cultural, representa o resultado de disputas de poder, onde os saberes e práticas que o compõem buscam produzir determinados tipos específicos de sujeitos e identidades sociais.

Ademais, Munhoz e Hattge (2016) entendem o currículo como uma ferramenta de governança e regulação com função educativa, que orienta e delimita o comportamento dos indivíduos e a organização dos conteúdos, estabelecendo assim fronteiras e direções dentro do ambiente escolar. Essa perspectiva indica que o currículo não só direciona o que é aprendido, mas também define as normas e os valores que se reproduzem dentro das práticas escolares.

Considerando essa função reguladora, as normas, métodos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação, não apenas refletem, mas também perpetuam distinções de gênero, sexualidade, etnia e classe (Louro, 2003). Em outras palavras, o currículo pode agir para reforçar as diferenças sociais, tornando-se um campo onde as desigualdades podem ser mantidas e, em certa medida, naturalizadas. Assim, se o currículo estabelece os limites do que é valorizado e reproduzido, ele também influencia diretamente as avaliações em larga escala, como o SAEB, reforçando certas representações e marginalizando outras. Sob uma leitura das teorias pós-críticas, o currículo passa a incluir as linhas formadoras que atravessam intensamente o tecido cultural, manifestando-se em diversas produções culturais que delineiam sentidos e significados (Silva Junior, 2023).

Dessa forma, o currículo é um espaço onde se constroem sentidos e significados em relação a diversos campos e atividades sociais, trabalhando com significados já estabelecidos e materiais culturais existentes (Silva, 2010). Isso coloca o currículo como um espaço onde normas e práticas sociais são validadas e incorporadas no processo educacional, revelando que o que é ensinado, avaliado e valorizado nas escolas.

Costa, Silveira e Sommer (2003) ampliam essa análise ao demonstrar que o conceito de gênero, inicialmente secundário nas críticas ao currículo, foi incorporado de forma semelhante ao conceito de classe. Embora o foco inicial estivesse nas desigualdades de classe social, o feminismo destacou como o currículo também reforça desigualdades de gênero e raça, evidenciando que relações de poder são moldadas tanto pelo capitalismo quanto pelo patriarcado. Essa abordagem multifacetada da desigualdade, apresentada por Tomaz Tadeu da Silva (2001), ressoa com a perspectiva interseccional de Guimarães Côrrea (2022), que, com base nos Estudos Culturais, enfatiza a importância de uma análise que considere diversos aspectos simultaneamente, em vez de isolá-los.

Complementando essa perspectiva, Silva, em sua obra *Territórios Contestados* (2001), ressalta que o pensamento educacional brasileiro é influenciado por valores machistas e

patriarcais. Embora a docência no ensino básico seja majoritariamente ocupada por mulheres, a visão predominante sobre a educação ainda é marcada por uma perspectiva masculina. Isso reforça a necessidade de reavaliar o currículo e os processos educacionais para desconstruir as desigualdades inerentes ao sistema. Essa realidade pode ser observada em avaliações como o SAEB, que evidenciam os estereótipos de gênero.

4. Metodologia

O presente trabalho insere-se no campo dos Estudos Culturais. Conforme Baptista (2009), essa área é predominantemente composta por pesquisas qualitativas, nas quais a verdade é compreendida como resultado da interpretação e da análise crítica. Alinhada a essa perspectiva, adotou-se uma abordagem qualitativa com procedimento documental, visando identificar a frequência e o contexto em que os termos "professor" e "professora" são utilizados, bem como suas associações com cargos de liderança. Segundo Prodanov (2013, p.70), "a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa" e "o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave". Além disso, os procedimentos adotados caracterizam-se como uma pesquisa documental, uma vez que o objeto da pesquisa é a avaliação do SAEB. Conforme Gil (2002, p.28-29), "a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa".

Neste estudo, considerou-se a prova como um artefato cultural. Conforme discutido nas notas do artigo de Camozzato (2014), um artefato cultural pode ser entendido como um objeto que carrega significados culturais atribuídos por diferentes grupos. Eles surgem a partir de disputas e embates entre esses grupos, envolvendo relações de poder. Assim, o valor cultural de um artefato não está no objeto em si, mas nas interpretações e nos sentidos que as pessoas constroem em torno dele.

Em vista disso, o SAEB não é apenas um conjunto de provas ou métricas de desempenho, mas reflete tanto os valores, as crenças e as culturas de uma sociedade quanto às relações de poder. Para a análise, foram utilizadas as provas de matemática mais antiga e mais recente do SAEB disponíveis no site do Inep, que contém um total de 10 provas de Matemática. As provas selecionadas foram: a de 1997, por ser a mais antiga disponível, e a de 2009, a última disponibilizada. Ambas são referentes à 8ª série⁴ do Ensino Fundamental. A

⁴ A nomenclatura das séries escolares foi alterada para anos escolares em 2006, por meio da Lei nº 11.274, que implementou o Ensino Fundamental de 9 anos.

prova de 1997, apesar de haver diversos cadernos disponíveis, observamos que, devido ao uso de blocos de itens repetidos, muitas questões se repetem entre eles. Então, para a análise, selecionamos os primeiros cadernos que incluíam em seus enunciados as terminologias "professora" e "professor"

Para a avaliação das questões, foram consideradas todas aquelas que mencionam a docência. As questões identificadas foram capturadas por meio de print screen e organizadas em um documento Word. Posteriormente, elas foram classificadas em três categorias: “Gênero e docência: perspectivas nas avaliações do SAEB”, “Gênero e docência: disparidades nas atividades pedagógicas e de pesquisa” e “Liderança e gênero: a persistência da representação masculina”. Na prova de 1997, considerando os cadernos 02, 05, 08 e 11, foram identificadas um total de 10 questões envolvendo a docência. Já na avaliação de 2009, esse número foi reduzido para 4 questões.

5. Gênero e docência: perspectivas nas avaliações do SAEB

A partir da leitura dos enunciados das questões das provas de Matemática do SAEB dos anos de 1997 e 2009, é possível observar uma tendência em associar a docência predominantemente à figura feminina. Isso ocorre porque, ao refletir sobre o conceito de gênero, Joan Scott (1995) explica que essa construção social, sustentada por normas e representações culturais, atribui papéis específicos a homens e mulheres, legitimando posições e profissões alinhadas às expectativas tradicionais. Em consonância com Scott, Simone de Beauvoir também compreende que as identidades de gênero são moldadas por representações culturais e relações de poder. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p.9). Essa frase sintetiza a visão de que ser mulher é resultado de uma construção social, cultural e histórica, não uma essência biológica. Nesse sentido, a associação da docência à figura feminina é um exemplo de como a sociedade condiciona as identidades de gênero, limitando as possibilidades de escolha e reproduzindo papéis que atendem às expectativas de um sistema patriarcal.

Como destaca Guacira Lopes Louro (2003), a feminização do magistério resultou de transformações sociais que abriram espaço para as mulheres na docência, mas que também reforçaram a ideia de que atributos como cuidado, amor e dedicação eram intrínsecos ao feminino. Esse processo não apenas consolidou estereótipos, como também restringiu as mulheres a determinadas funções no campo educacional, perpetuando desigualdades de gênero. Visto isso, ao analisar as relações de gênero nas questões, revelou-se, uma prática que

não apenas reflete, mas reforça tais representações, contribuindo à manutenção de estereótipos de gênero.

Posto isso, observa-se que, na prova de 1997, todas as três questões dos cadernos 02 e 05 que mencionam a figura docente estão associadas ao feminino. No caderno 08, as duas questões seguem a mesma tendência. Já no caderno 11, há duas questões que mencionam a profissão docente: uma vinculada ao feminino e outra ao masculino. Já na avaliação de 2009, quatro questões no enunciado mencionam a profissão docente. Destas, três se relacionam com o feminino e apenas uma com o masculino, sendo que nesta última também aparece a figura de "diretor".

Diante do exposto, esse uso recorrente de “a professora” demonstra como essas avaliações refletem as percepções culturais associadas à docência como uma profissão feminina. Assim, a avaliação do SAEB não se limita só em avaliar habilidades matemáticas, mas também carrega e transmite mensagens que contribuem para a manutenção de estereótipos de gênero. Somado a isso, essa predominância também indica uma visão tradicional e histórica da docência como uma profissão majoritariamente feminina, perpetuando uma imagem da mulher como principal responsável pela educação do ensino básico, conforme destacado por Ribeiro (2015). Corroborando com esse pensamento, Louro (2020) discute as causas dessa associação, um dos pontos é o “instinto maternal”, sendo uma característica estereotipada de um bom professor. Somado a isso, Souza (2004) e Louro (2020) contribuem para essa discussão ao ressaltar que as virtudes doçura, paciência e bondade atribuídas às mulheres passaram a ser consideradas qualidades indispensáveis para o exercício da profissão docente.

Visto isso, é importante refletir que as avaliações em larga escala refletem e reproduzem as orientações curriculares e os valores culturais presentes no sistema educacional brasileiro. Costa, Silveira e Sommer (2003) apontam que o currículo é um campo cultural construído que expressa significados e reflete relações de poder. Ou seja, o currículo abrange não apenas os conteúdos que devem ser ensinados, mas também as práticas, os discursos e os valores que estruturam a educação. As avaliações de larga escala, ao serem elaboradas com base nas diretrizes curriculares, acabam por materializar esses valores e reforçar padrões culturais, incluindo estereótipos de gênero.

6. Gênero e docência: disparidades nas atividades pedagógicas e de pesquisa

Em relação às atividades desempenhadas pelos docentes nos enunciados das questões, identificamos que, na prova de 1997, em todos os cadernos analisados (02, 05, 08 e 11), dez questões mencionam a docência, sendo nove delas associadas ao gênero feminino. Quando o enunciado está relacionado à figura feminina, há uma constante associação à categoria “atividades pedagógicas”. Nessas situações, as ações atribuídas às professoras incluem corrigir provas, realizar cálculos, passar deveres de casa ou tarefas, e explicar conceitos ou conteúdos. Um exemplo dessa representação pode ser observado na Figura 1. Essas ações refletem o que Louro (2003) descreve como a "feminização do magistério", um processo histórico que associou a docência feminina a papéis de cuidado e transmissão de conhecimento, reforçando estereótipos que relegam às professoras a funções práticas e rotineiras.

Figura 1- Atividade Pedagógica

- 09 A **professora** passou no dever de casa um problema em que aparecia o número 3.054. Juca, que é muito distraído, copiou errado, trocando o algarismo 0 pelo algarismo 8. Qual a modificação que aconteceu com o número copiado errado?
- (A) Ficou multiplicado por 8;
 (B) Ficou aumentado de 8 unidades;
 (C) Ficou aumentado de 80 unidades;
 (D) Ficou aumentado de 800 unidades.

Fonte: Inep, 1997. Grifo nosso.

Na mesma avaliação, a única questão que associa a docência à figura masculina relaciona-se com a categoria “atividade de pesquisa”, como é possível observar na Figura 2.

Figura 2- Atividade de Pesquisa

- 11 O **professor** Julio fez uma pesquisa para saber a idade dos alunos de sua turma e construiu a seguinte tabela:
- | | | | | | | | | | | |
|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| 13 | 14 | 14 | 15 | 13 | 13 | 14 | 15 | 14 | 14 | 15 |
| 16 | 14 | 13 | 15 | 15 | 15 | 13 | 15 | 13 | 15 | 15 |
| 16 | 16 | 14 | 14 | 14 | 16 | 16 | 16 | 16 | 16 | 16 |
- Uma tabela que representa o número de alunos por idade a partir dos dados coletados pelo **professor** Julio é:
- (A)

Idade	Nº de Alunos
13	6
14	7
15	8
16	9

 (B)

Idade	Nº de Alunos
13	7
14	9
15	8
16	6
- (C)

Idade	Nº de Alunos
13	6
14	9
15	8
16	7
- (D)

Idade	Nº de Alunos
13	7
14	9
15	8
16	7

 (E)

Idade	Nº de Alunos
13	7
14	8
15	9
16	6

Fonte: Inep, 1997. Grifo nosso.

Ao analisar a avaliação de 2009, constatou-se que a perspectiva em relação à representação dos docentes não apresentou mudanças significativas. Nas três questões que envolvem a figura feminina na docência, a associação permanece restrita à categoria “atividades pedagógicas”. Em contrapartida, a única questão que se relaciona à figura masculina, se refere à categoria “atividade de pesquisa”, pois o professor desempenha a tarefa de coleta de dados.

Nota-se que essas observações revelam uma perpetuação de estereótipos de gênero, nos quais mulheres são predominantemente representadas como responsáveis por tarefas práticas e transmissoras de conhecimento, enquanto os homens aparecem em papéis de maior prestígio intelectual, como a pesquisa. Essa divisão reflete uma visão tradicional que associa as mulheres ao ensino básico e às atividades pedagógicas, enquanto os homens são vinculados à produção de conhecimento. Essas observações confirmam a análise de Guacira Lopes Louro (2003) ao problematizar as representações sociais que consolidam papéis de gênero na docência, refletindo as expectativas de uma sociedade patriarcal.

7. Liderança e gênero: a persistência da representação masculina

No que diz respeito à categoria “cargo de liderança”, ela foi identificada apenas na avaliação de 2009. A questão que menciona a figura de “o diretor” está ilustrada na Figura 3. Isso nos leva a refletir sobre como a linguagem da prova evidencia e reforça a divisão de papéis baseada no gênero. Uma vez que, enquanto a maioria das questões associa a docência à figura feminina, a única questão que trata de um cargo de gestão o vincula ao masculino.

Figura 3- Questão com a presença de o diretor

M08 – SAEB 2009 - DESC 25 a 37 (Sem comuns 2007)

Disciplina...: Matemática
Série.....: 8ª série - EF
Código.....: 33845
Descritor....: 036/2001
Gabarito.....: C
Sequência....: 20

O diretor de um colégio pediu para o professor de Matemática fazer um levantamento das idades de seus 173 alunos. O professor apresentou o resultado na tabela a seguir:

Idade	Nº de alunos	Sexo	
		Homens	Mulheres
De 10 a 13	41	19	22
De 14 a 17	48	21	27
De 18 a 21	39	15	24
De 22 a 25	26	15	11
De 26 a 29	19	9	10
Total	173	79	94

Quantos homens tem idade superior ou igual a 22 anos?

(A) 11
(B) 15
(C) 24
(D) 26

Fonte: Inep, 2009.

À vista disso, Louro (2020) ressalta que nas escolas públicas, os homens historicamente ocuparam as posições de direção e de inspeção, com exceção das instituições religiosas, onde as mulheres detinham esse papel. Dessa forma, reproduzia-se uma divisão de funções baseada em desigualdades de gênero, com as mulheres limitadas às salas de aula e às atividades mais imediatas do ensino, enquanto os homens assumiam o comando e o controle do sistema.

Sendo assim, mesmo em um campo majoritariamente feminino, as posições de maior visibilidade e poder, como a de "diretor", continuam sendo predominantemente associadas aos homens, refletindo o currículo como um mecanismo de governança que regula o comportamento social, segundo Munhoz e Hattge (2016). Na contramão das questões das provas em análise, que frequentemente associam a figura docente ao feminino e os cargos de liderança ao masculino. Uma pesquisa realizada em 2023, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), revelou que 79,6% dos gestores escolares são do sexo feminino, enquanto apenas 20,4% são do sexo masculino, evidenciando a desigualdade de gênero nas posições de liderança. Esses dados, contabilizados por vínculo, abrangem todas as regiões, unidades federativas e municípios do Brasil. Embora esses números indiquem uma presença feminina significativa em cargos de liderança na educação básica, persiste o paradoxo, em que as mulheres ocupam efetivamente a maioria dos cargos de professoras e diretoras nos níveis básicos de ensino, mas os rumos da educação são majoritariamente definidos por homens, evidencia uma dicotomia entre prática e poder.

Ademais, ao associar os homens a funções de autoridade e as mulheres à docência, o currículo não apenas organiza o conteúdo educacional, mas atua também para reproduzir desigualdades de gênero. Assim, ao perpetuar essas representações, as provas do SAEB ajudam a manter uma divisão de papéis sociais, naturalizando posições de poder masculino e reforçando valores tradicionais de gênero que estão presentes no currículo escolar (Costa, Silveira e Sommer, 2003).

Além disso, mesmo com a presença significativa de mulheres em cargos de liderança, como direções escolares, tal fato não assegura a igualdade de gênero, visto que apenas o “acesso” a essas posições não são suficiente para garantir a equidade, uma vez que as mulheres continuam a atuar em um sistema que mantém o poder simbólico concentrado na figura masculina.

Em suma, a análise dos enunciados das provas do SAEB evidencia como a linguagem reflete e reforça estereótipos de gênero, associando a docência predominantemente à figura feminina e a cargos de liderança, como o de diretor, à figura masculina. Essas escolhas linguísticas não são neutras. Elas carregam significados culturais e sociais que perpetuam desigualdades e consolidam papéis tradicionais de gênero no espaço educacional. Ao atuar como instrumentos que materializam valores presentes no currículo, as provas de larga escala acabam por reforçar em décadas diferentes a divisão simbólica entre docência e gestão, refletindo um sistema educacional que, mesmo em um contexto de maior presença feminina, ainda reproduz relações de poder historicamente construídas.

8. Considerações Finais

Com esse estudo, evidenciamos um padrão de representação que reflete um estereótipo histórico que associa o ensino, sobretudo nos níveis básicos de escolarização brasileira, às mulheres. A recorrência da "professora" nas questões sugere uma visão normalizada e socialmente aceita da mulher como principal agente do processo educativo, relegando à figura masculina papéis de gestão, como o de diretor, ou destacando-a em menor proporção como professor.

Esses resultados sugerem que, ao menos no contexto das avaliações do SAEB analisadas, a figura feminina não apenas predomina, mas também é reforçada em um papel específico dentro do imaginário da docência. Isso levanta reflexões importantes sobre como os papéis de gênero são projetados e perpetuados em materiais avaliativos- especialmente em larga escala-, bem como no currículo em geral, os quais têm grande capilaridade e caráter formativo na percepção social da educação e dos sujeitos sociais.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets*, [S.L.], n. -1, p. 451-461, 1 jun. 2009. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/carnets.4382>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Saeb: coletânea de documentos de edições antigas: Saeb 2009: Matemática 8ª série do Ensino Fundamental – Cadernos de Prova com Parâmetros*. Brasília, DF: Inep, 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Saeb: coletânea de documentos de edições antigas: Saeb 1997: Matemática 8ª série do Ensino Fundamental – Cadernos de Prova com Parâmetros*. Brasília, DF: Inep, 1997.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Painel de Estatísticas dos Gestores Escolares da Educação Básica*. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/painel-de-estatisticas-dos-diretores-de-escolas-da-educacao-basica>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 499 p.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.

CAMOZZATO, Viviane Castro. *Pedagogias do presente*. 2. ed. Bagé: Uergs, 2014. 39 v. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/34268>. Acesso em: 19 out. 2024.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, [S.L.], n. 23, p. 36-61, ago. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782003000200004>.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos estudos culturais às pesquisas sobre currículo: uma revisão. *Currículo Sem Fronteiras*, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 509-541, 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

GUIMARÃES CORRÊA, Laura. Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; CASTAGNA WORTMANN, Maria Lúcia (org.). *O que são estudos culturais hoje?: diferentes praticantes retomam a pergunta do international journal of cultural studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 1-161. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/estudos-culturais/>. Acesso em: 05 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 184 p. Disponível em: <file:///C:/Users/70429549474/Downloads/generosexualidadeeeducacaoguaciralopeslouro.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 443-481. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5938611/mod_resource/content/1/GuaciraLopes.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

MOREIRA, Antonio Flávio. O Currículo como Política Cultural e a Formação Docente. In SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Territórios Contestados – O Currículo e os Novos Mapas Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

RIBEIRO, Márden de Pádua. História da formação de professores no Brasil colônia e império: um resgate histórico. *Temporalidades: Revista de História*, Belo Horizonte. v. 7, n. 2, p. 410-434, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5635>. Acesso em: 24 out. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: COSTA, Marisa C. Vorraber (ed.). *Gênero e Educação*. [S. l.], v. 20, n. 2. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995. p. 9-255. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/3038/363>. Acesso em: 19 out. 2024.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Na esperança de um beijo eu me aqueço...: videoclipe e a afirmação da vida por meio de um currículo-performance. In: CAMAZZATO, Viviane Castro; IGNÁCIO, Patrícia (org.). *Pedagogias fora e dentro da escola*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 01-249. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/pedagogia-fora/>. Acesso em: 27 out. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: uma introdução às teorias do currículo*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de são paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 2004. 304 p.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, [S.L.], n. 17-18, p. 81-103, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332002000100003>.

Las representaciones de género en la docencia: un análisis de las pruebas de matemáticas del SAEB

Resumen

En este estudio, se tiene como objetivo analizar las representaciones de género en las pruebas de matemáticas del Sistema de Evaluación de la Educación Básica (SAEB) de los años 1997 y 2009, con un enfoque en las representaciones de género asociadas a la docencia. La investigación se basa en los Estudios Culturales y de Género, tomando como referencia a autores como Butler (2003), Camozzato (2014), Costa, Silveira y Sommer (2003), Louro (2003 y 2020), Silva (1999 y 2010), Scott (1995), entre otros. Mediante una investigación cualitativa y un procedimiento documental, identificamos la frecuencia y el contexto en que aparecen los términos "profesor" y "profesora", además de las asociaciones con cargos de liderazgo. Los resultados sugieren la predominancia de una representación femenina de la docencia en los materiales evaluativos, reforzando estereotipos de género que asocian la enseñanza a la figura femenina y el liderazgo a la figura masculina, lo que evidencia la persistencia de jerarquías de género en la educación básica. Palabras-clave: Aproximadamente cinco palabras claves o frases, separados por punto y coma.

Palabras clave: Género; Docencia; Estudios Culturales; Currículo; SAEB.

Les représentations de genre dans l'enseignement : une analyse des épreuves de mathématiques du SAEB

Résumé

Dans cette étude, l'objectif est d'analyser les représentations de genre dans les épreuves de mathématiques du Système d'Évaluation de l'Éducation de Base (SAEB) des années 1997 et 2009, en mettant l'accent sur les représentations de genre associées à l'enseignement. La recherche s'appuie sur les Études Culturelles et de Genre, avec des références à des auteurs tels que Butler (2003), Camozzato (2014), Costa, Silveira et Sommer (2003), Louro (2003 et 2020), Silva (1999 et 2010), Scott (1995), entre autres. À travers une recherche qualitative et un procédé documentaire, nous avons identifié la fréquence et le contexte dans lesquels les termes "professeur" et "professeure" apparaissent, ainsi que les associations avec des postes de leadership. Les résultats suggèrent une prédominance d'une représentation féminine de l'enseignement dans les matériaux d'évaluation, renforçant des stéréotypes de genre qui associent l'enseignement à la figure féminine et le leadership à la figure masculine, ce qui met en évidence la persistance des hiérarchies de genre dans l'éducation de base.

Mots-clés : Genre ; Enseignement ; Études culturelles ; Curriculum ; SAEB

Gender representations in teaching: an analysis of SAEB mathematics exams

Abstract

In this study, the objective is to analyze gender representations in the mathematics exams of the Basic Education Evaluation System (SAEB) from the years 1997 and 2009, with a focus on gender representations associated with teaching. The research is based on Cultural and Gender Studies, referencing authors such as Butler (2003), Camozzato (2014), Costa, Silveira, and Sommer (2003), Louro (2003 and 2020), Silva (1999 and 2010), Scott (1995), among others. Through qualitative research and a documental procedure, we identified the frequency and context in which the terms "teacher" (male) and "teacher" (female) appear, as well as associations with leadership positions. The results suggest the predominance of a feminine representation of teaching in the assessment materials, reinforcing gender stereotypes that associate teaching with a feminine figure and leadership with a masculine one, highlighting the persistence of gender hierarchies in basic education.

Keywords: Gender; Teaching; Cultural Studies; Curriculum; SAEB.